



**Valdemar Cruz**

28 de janeiro às 17:39 · 🌐



## A ESQUERDA E OS LIMITES DA LINGUAGEM

"Estou farto de...".

Assim começava um post por mim colocado terça-feira à noite no

### A ESQUERDA E OS LIMITES DA LINGUAGEM

"Estou farto de...".

Assim começava um post por mim colocado terça-feira à noite no Facebook a propósito do modo como alguns jornalistas têm vindo a transformar o espaço de entrevista em momento de afirmação pessoal, mais interessados na imaginária gloriosa qualidade e acutilância das suas perguntas, do que nas respostas dos convidados, muitos deles especialistas nos temas em debate.

Quando me apercebi, o "post" estava a tornar-se viral. A quantidade de "likes" e partilhas tornou-se tão avassaladora, quanto inesperada para mim. Ao ponto de ter decidido escrever um outro post a demarcar-me, por antecipação, de qualquer tipo de generalizações, tão demagógicas, quanto suscetíveis de derraparem para o anátema sobre toda uma classe profissional.

Houve quem o tivesse lido como uma forma de me justificar. Na verdade tratava-se, antes de mais, de um fundamental ponto de ordem, indispensável num tempo de demagogias fáceis e populismos avulsos.

Há lições a retirar do sucedido. Desde logo, a importância de perceber como a forma afeta a percepção do conteúdo. Bastará um exercício simples, através da resposta à seguinte pergunta: teria um comentário com as mesmíssimas ideias explanadas naquele "post" tido o mesmo grau de acolhimento caso não tivesse adotado o chamariz da repetição sistemática da expressão "Farto de...", no início de cada frase?

A inusitada quantidade de "likes" e partilhas até poderá ter em grande medida uma relação com o conteúdo da mensagem. Basta acompanhar as redes sociais para, sem qualquer dificuldade, perceber a existência de um forte descontentamento sobre a forma como alguns jornalistas se permitem autenticamente atropelar os convidados nas suas entrevistas.

Não tenhamos, porém, ilusões. Aquela enormidade de adesões ao comentário é também, e numa dose não desprezível, o resultado de um artifício de linguagem materializado na persistente repetição do adjetivo "farto". Artifício esse que, claramente, pisca o olho a um vasto conjunto de portugueses disponíveis para acolher tudo quanto seja dar expressão a uma certa raiva. Muitas vezes inconsequente. Muitas vezes incompreensível. Muitas vezes injustificada.

Esta situação remete-nos para uma outra dimensão, relacionada com os limites da linguagem e os constrangimentos à esquerda na exploração desses limites.

Não é necessário ser muito inteligente para encontrar semelhanças naquele "farto" com a expressão que dá nome a um partido de formação recente.

A simples constatação desse facto torna inibidora e complexa, à esquerda, a utilização de locuções suscetíveis de se aparentarem com, ou remeterem para aquele imaginário.

Os mestres são sempre muito úteis nestas situações. O professor Óscar Lopes costumava dizer, embora num outro contexto, que ninguém é dono da língua. Referia-se à tentação de

alguns catedráticos de afirmarem o português de Portugal como a única variante aceitável de uma língua falada nos quatro cantos do mundo.

Tinha e continua a ter razão, o Professor Óscar Lopes. Transportado para a atualidade, aquele conceito leva-nos a refletir sobre as fronteiras autoimpostas por quem abomina os facilismos e as perigosas e populistas generalizações por norma associadas a um discurso daquele género.

O receio tem sentido, mas não pode ser inibidor da tentativa de construção de um tipo de mensagem capaz de ser mais facilmente absorvida. Não se trata de copiar métodos, nem de imitar processos alimentados por quem tanta repulsa suscita.

Do mesmo modo que a esquerda conseguiu, com humor e inteligência, subverter o inicial sentido pejorativo da designação “Geringonça” para nomear o Governo com um OE viabilizado pelo PCP e pelo BE, também tem de ousar libertar outras palavras e expressões, cuja força e significado correm o risco de ficar cativos de movimentos populistas e antidemocráticos.

Se o fizer, sem perder identidade, nem desprezar o rigor, não será, nem menos esquerda, nem menos eficaz no seu combate por uma sociedade norteada pela valorização dos direitos políticos, sociais e laborais, pela justa distribuição da riqueza, pelo respeito da Constituição da República, e pelo respeito e promoção dos direitos humanos.